



## *Amar a venerável pobreza*

*Carta aos  
irmãos*  
SETEMBRO 2024

**D**urante a minha visita a toda a Ordem, que se centra fundamentalmente na formação inicial e na atenção aos religiosos nos primeiros anos como adultos escolápios, tenho constado um grande interesse dos irmãos por tudo o que implica o desafio de viver o voto da pobreza e do fato que o nosso ministério está cada vez mais dedicado aos mais necessitados. Dou graças a Deus por essa sensibilidade que vejo nos jovens escolápios. Por isso, gostaria de compartilhar com eles e com todos os demais uma simples reflexão sobre os desafios que têm compartilhado comigo.

1-O **ponto de partida** parece-me muito claro: “Seguimos Cristo, que se fez rico e se fez pobre por nós para nos enriquecer com a sua pobreza”. Assim começa o sexto capítulo das nossas Constituições, dedicado ao voto de pobreza<sup>1</sup>.

Acho muito importante que nunca nos esqueçamos disso. O centro da nossa vida de pobreza é o seguimento de Cristo. É por isso que é um voto. A nossa vida é interpelada pela simplicidade e pela pobreza e chamada à conversão, porque esse é o estilo de vida de Jesus de Nazaré.

Essa afirmação tem muitas consequências para o nosso modo de vida. Contentar-me-ei em dizer que “tem consequências” e em citar algumas

.....

1.- Constituições da Ordem das Escolas Pias, número 63

delas, alguns dos apelos que a pobreza de Cristo nos sugere hoje a nós, escolápios. Vou citá-los brevemente:

1. Penso que uma delas é a simplicidade de vida, que é fruto do desapego e fruto da liberdade interior, que nos permite tornar-nos “um entre muitos”, como Jesus<sup>2</sup>.
2. O valor ascético da pobreza. Dizemos não ao desejo de ter mais. Dizemos sim ao desejo de viver com o necessário à nossa missão e à nossa vida, sem o desejo de possuir nada.
3. A dimensão teológica da pobreza, sempre entendida como o desejo de depender de Deus e confiar Nele.
4. O trabalho como expressão da pobreza. O Escolápio trabalha muito, não só para apoiar as obras dedicadas aos pobres, mas também, porque sabe que o trabalho é a melhor expressão do voto de pobreza.
5. L5. Compartilhar os bens. Pobreza significa compartilhar e não ter nada para si. A pobreza é transparência econômica e generosidade.
6. A dimensão apostólica da pobreza. Quando somos pobres, somos credíveis no anúncio do Evangelho.
7. A dimensão política da pobreza. Pobreza significa também lutar para que não haja pobres e para que a sociedade evolua para mais justiça e fraternidade. A pobreza é um compromisso com a mensagem da “Fratelli tutti”
8. A nossa pobreza é livremente escolhida e recebida como dom. Devemos saber encontrar e viver a chave da nossa pobreza e depois saber dar um nome ao que temos de viver.

2- As perguntas dos jovens ajudaram-me a aprofundar **na visão de Calasanz sobre a pobreza**. Estou muito impressionado com o que diz o nosso Santo Padre nas suas Constituições: *“Os religiosos amarão a venerável pobreza, mãe da excelente humildade e de outras virtudes, como a mais firme defesa da nossa Congregação; a conservarão em toda a sua integridade e, às vezes, se esforçarão para experimentar as suas consequências”*<sup>3</sup>.

.....

2.- Filipenses 2, 5-11

As duas imagens que Calasanz utiliza me fazem pensar muito: “**mãe**” e “**firme defesa**”. Eu gostaria de compartilhar algumas intuições com todos vocês.

**MÃE.** Se a pobreza é mãe, é porque gera vida, porque cuida dessa vida, educa-a, acompanha-a e fá-la crescer. Isso é ser mãe.

A pobreza é mãe, porque nos ajuda a amar cada vez mais longe de nós mesmos. Ela é mãe, porque ajuda seus filhos a buscarem o verdadeiro alimento que os nutre e que nada tem a ver com bens materiais. Ela é mãe, porque ajuda a construir relações fraternas, dentro e fora da comunidade.

A pobreza é mãe, porque nos ensina valores autênticos. E, num mundo como o nosso, tão marcado pelo egoísmo e pelo materialismo, a pobreza ajuda-nos a crescer na acolhida, a sentir-nos corresponsáveis pelo destino dos pobres e a abraçar, com crescente paz interior, uma das mais fortes formas de pobreza que existe, que é ser minoria e saber-se como minoria.

A pobreza é mãe, porque nos ajuda a valorizar e cuidar da nossa maior riqueza: a fé em Jesus Cristo. Sabemos que essa fé tem cada vez menos importância em muitos lugares, mas isso não nos desanima, porque é a nossa riqueza e queremos partilhá-la.

A pobreza é mãe, porque quando experimentamos o desprezo, a crítica, a ignorância ou mesmo a perseguição na Ordem ou na Igreja, ajuda-nos a viver como Cristo, que foi o primeiro a experimentar isso.

A pobreza é mãe, porque nos ajuda a compreender o que significa confiar em Deus. Ela é mãe da fé e fonte de alegria.

**DEFESA FIRME.** Calasanz vê a pobreza como um muro que defende a vida da Ordem, como algo que nos protege. É necessário refletir sobre isso. De que a pobreza nos protege?

.....

3.- San José de CALASANZ. Constituciones de la Congregación Paulina, número 137

Penso que a pobreza nos protege essencialmente do perigo da mundanidade. A mundanidade, que tende a valorizar o prestígio, o poder, os recursos econômicos e o “bem viver”, é um desafio que devemos saber combater. Isso gera muitas tensões e, por vezes, contradições que devemos reconhecer e enfrentar.

A pobreza ajuda-nos muito a diferenciar entre os recursos de que necessitamos para a nossa missão e aqueles de que necessitamos para as nossas vidas. E temos de reconhecer que, em alguns casos – e em algumas comunidades –, não somos capazes de distinguir entre os dois.

A experiência da pobreza exige transparência, também na esfera econômica, na justificação da contabilidade e na utilização dos bens. A pobreza ajuda-nos a gerir bem os nossos bens e a reconhecer que devemos sempre estabelecer prioridades claras e cuidar delas. Entre essas prioridades, o cuidado dos idosos e a formação dos jovens merecem especial atenção. Pensar neles e não em nós mesmos é também um dom da pobreza.

A pobreza é até uma defesa da instituição. Como sabem, a pobreza salvou a Ordem no momento da redução de 1646. A Ordem não foi definitivamente dissolvida, mas condenada a uma "morte lenta", porque se tivesse sido dissolvida, a autoridade que a decidiu teria que fornecer para o sustento dos religiosos (e eram cerca de 500) se fossem pobres e não tivessem meios. É por isso que a pobreza salvou a Ordem.

3.- Nossas **Constituições** mostram-nos algumas chaves com as quais podemos cumprir o nosso voto de pobreza. Elas são muito concretas e significativas. Gostaria de mencionar apenas algumas delas: a frugalidade no nosso modo de vida, a submissão à lei comum do trabalho, o uso justo e moderado dos bens, o cuidado com as coisas comuns, a nossa generosidade em oferecer o nosso trabalho e o nosso tempo aos outros, a boa administração dos nossos bens, o nosso compromisso com a justiça e os direitos humanos etc. A chave é “ser pobre em espírito e em obras”<sup>5</sup>.

Esta afirmação “em espírito e em obras” nos interpela a ser autênticos. A pobreza é uma escolha espiritual que deve manifestar-se na nossa vida quotidiana. Porque é espiritual, é expressão da nossa fé e da nossa vocação. E, se for assim, deve manifestar-se no nosso trabalho, nas nossas decisões e no nosso estado de espírito. A autenticidade é o critério da verdade da consagração religiosa.

4.- **Cuidado do voto de pobreza.** Tal como os outros votos, o voto de pobreza deve ser bem cuidado, para que possa ser vivido com autenticidade crescente. Acredito que há dois riscos claros em cada um dos quatro votos que fazemos: a tentação de minimizar as exigências e a negligência de não nos envolver no conteúdo e no significado do voto, o que nos leva a não aprender a ser pobres.

Por exemplo, o voto de pobreza é minimizado quando não questionamos nada do que vivemos, ou quando somos irresponsáveis com o dinheiro que partilhamos, ou quando pensamos que o dinheiro que nos dão nos pertence, ou quando sucumbimos à tentação de ter os melhores dispositivos eletrônicos, porque é “óbvio” que preciso deles e, sobretudo, quando nos esquecemos dos pobres e eles deixam de fazer parte da nossa verdadeira identidade. E de muitas outras maneiras.

O voto de pobreza é negligenciado se não dedicarmos tempo e esforço para refletir sobre ele para “aprender a ser evangelicamente pobres”. Precisamos refletir mais sobre as chaves evangélicas ligadas à pobreza: as bem-aventuranças; a espiritualidade da confiança em Deus que nos dará aquilo de que necessitamos; a prática da fraternidade; a preferência pelos pequenos. Falamos de pobreza evangélica: esse é o nosso voto. E essa pobreza está diretamente ligada à solidariedade com os pequenos e os pobres.

.....  
4.- Severino GINER: “Calasanz. Professor e Fundador.” Ed. BAC, Madrid, 1992, pp. 1045-1046

.....  
5.- Constituciones de la Orden de las Escuelas Pías, número 69.

Para Calasanz, a experiência da pobreza significa lutar pela redenção dos pobres. Um aspecto importante que norteou Calasanz em seu trabalho foi a sua “visão social”. Ele via a pobreza da cidade, o sofrimento das pessoas, e especialmente das crianças, como um desafio ao qual tinha que responder. É muito interessante ler nas suas constituições frases como esta: “*Em quase todos os estados, a maioria dos seus cidadãos são pobres*”<sup>6</sup>. Essa afirmação surge da sua experiência, daquilo que ele viveu no fundo da sua alma escolápia<sup>7</sup>.

5. Acrescento uma última reflexão. Estou convencido de que um dos dons mais preciosos que a pobreza nos oferece é permanecermos **fiéis à nossa vocação: a perseverança**. A pobreza, que nos liberta da sedução dos bens materiais<sup>8</sup>, ajuda-nos a ser cada vez mais fiéis aos compromissos vocacionais que assumimos. Talvez isso aconteça, porque nos ajuda a ficar “menos distraídos” com coisas, experiências e esforços de que não precisamos.

Iluminam-me muito as reflexões que o decreto conciliar “Ad gentes” faz quando fala do missionário. Ele diz: “Mas, essa resposta só pode ser dada quando o Espírito Santo dá a sua inspiração e o seu poder. *Com efeito, o enviado entra na vida e na missão daquele que “se esvaziou de si mesmo, assumindo a forma de servo”*<sup>9</sup> (Fl 2,7). Portanto, ele deve estar disposto a permanecer na sua vocação durante toda a vida, a renunciar a si mesmo e a todos aqueles que até então considerava seus, e a “tornar-se tudo para todos” (1 Cor 9, 22).”<sup>10</sup>.

A mensagem é clara e contundente: a perseverança numa vocação que exige dedicação total é fortalecida pela dinâmica da abnegação, da renúncia de colocar-se no centro e da escolha de seguir Aquele que nos chamou. E é nisso que se baseia o voto, a consagração religiosa.

6.- São José de CALASANZ. Constituições da Congregação Paulina, número 198.

7.- Enric FERRER. “Una escuela para los pobres y la reforma de la sociedad: San José de Calasanz”. Revista “CORINTIOS XIII”, número 164, octubre-diciembre de 2017, página 95.

8.- Constituições da Ordem das Escolas Pías, número 63

9.- Filipenses 2, 7

10.- Concilio Vaticano II. Decreto *Ad gentes divinitus*, número 24.

Calasanz estava convencido de que a fidelidade à própria vocação está intimamente ligada à experiência da pobreza. Ele sempre lutou por esse princípio, porque conhecia o coração humano. Ele sabia que a vocação escolápia se fortaleceria se o coração dos jovens religiosos pudesse desapegar-se do desejo de ter e dedicar-se apenas ao desejo de servir a Cristo e aos filhos.

Termino essas breves reflexões com uma preocupação. O capítulo das nossas Constituições dedicado à pobreza termina com o convite a encontrar novas formas de viver a pobreza, na abertura ao Espírito Santo, em harmonia com o carisma e as exigências do nosso tempo<sup>11</sup>. Talvez seja bom refletir sobre este desafio: que novas formas podemos descobrir para viver o nosso voto de pobreza? Deixo a questão em aberto. Espero que possamos pensar sobre isso juntos.

Recebam um abraço fraterno. Com os meus melhores votos fraternos.

P. Pedro Aguado Sch.P.  
Padre Geral

11.- Constituições da Ordem das Escolas Pias, número 75.